Author: Tá, primeiramente, começando a primeiro agradecer por participar disso. A ideia que a gente está fazendo aqui nessa entrevista é ter insights sobre como foi a utilização do CDD, como foi o processo utilizando o CDD no Flutter e quais foram as experiências individuais que tu teve sobre toda essa prática, todo esse processo do CDD, do começo ao fim, dentro desse projeto prático. Então, a primeira coisa que eu queria entender, para também ficar claro, qual era o teu papel dentro do time? O que tu fazia lá, especificamente?

TM1: Eu comecei no time de mobile, e aí eu fiz algumas telas, mas principalmente lidava com gerenciar o estado dos dados que chegavam, lá de onde a gente armazenava eles pra exibir e fazer algumas operações.

Author: Tu era mais focado em quais atividades? Qual o feature do sistema? Tinha uma que tu mais focou, que tu mais entendeu?

TM1: Não, acabei fazendo um pouco de tudo.

Author: Ah, era mais geral, né?

TM1: É.

Author: Beleza, entendi. Como tu explicaria o CDD para um colega teu?

TM1: Diria que é uma [...] Uma metodologia em que a gente determina um grau de complexidade para algumas coisas no código, determina um limite para essa complexidade. E daí a gente vai escrevendo o código, e se a complexidade dele passar do limite, a gente tem que revisar o código.

Author: Tu diria que tu entendeu bem o conceito? Até o final do projeto, tu entendeu bem o conceito?

TM1: Acho que sim.

Author: Tu acha que, assim, olhando de forma geral, o CDD e as atividades, a abordagem, tu acha que foi uma coisa tranquila de fazer, combinou bastante com as atividades? Ou foi mais […] E vocês pegaram de primeira, né? Principalmente, na verdade, tu entendeu de primeira, conseguiu fazer as atividades? Ou foi mais um processo gradual, que no começo tirou dúvidas, e depois que foi tendo um entendimento melhor sobre isso?

TM1: É. Foi mais um processo gradual, até porque foi a primeira vez que eu trabalhei com alguma metodologia assim. E no início teve mais dificuldade de entender o que deveria e o que não deveria ser considerado. Os pontos de complexidade de cada coisa. Mas depois foi ficando algo mais fluido, assim. Foi [...] É na hora de contabilizar, os pontos já foram ficando mais tranquilos de fazer.

Author: Tu diz que as tuas dúvidas do começo foi mais sobre os itens da tabela, por exemplo, do que o próprio conceito. É isso ou é diferente?

TM1: Ah, não. Foi isso mesmo.

Author: Tem algum item especial que demorou pra te entender?

TM1: Não, eu não lembro agora, até porque eu não consegui ver a tabela, porque eu não achei aqui.

Author: Tá, tudo bem. É […] O que é que tu acha que foi mais útil? No CDD. A gente tá falando de forma geral. O que é que tu acha que foi mais útil em utilizar o CDD no projeto?

TM1: Mais útil? Acho que... O limite mesmo de pontos. Depois que a gente fez uma boa determinação de qual que era o limite, qual que eram os pontos de cada coisa. Muitas classes passaram desse limite. E realmente elas estavam bem complexas de entender. E a gente conseguiu deixar elas mais simples. O CDD avisou a gente sobre isso. Ficou fácil de identificar.

Author: Entendi. Tem algo que tu achou que não foi útil? Ou que foi menos útil, que não ajudou muito o CDD?

TM1: Acho que não. Acho que tudo nele dá pra tirar alguma análise.

Author: Entendi. Teve alguma etapa específica que tu achou mais interessante? Ou que tu gostou mais de realizar?

TM1: Gostei mais de fazer [...] Depois que as classes [...] A gente via que elas passavam o limite de fazer a refatoração delas.

Author: Entendi. É […] Olhando [...] Tipo, pelo que tu lembra da tabela de ICP, a última versão, né? Que foi a versão de refatoração. Tu lembra de concordar com tudo que tinha ali? Ou tinha algum item que te incomodava? Que tu não entendia muito bem ainda? Ou que tu queria que [...] Se fosse [...] Porque era um acordo coletivo do time, né? Os itens. Mas isso depende só de ti. Tinha algum item que tu mudaria? Ou tu concorda com tudo?

TM1: Não, pelo que eu lembro, tava [...] Eu concordava com tudo, sim. Tava bem definido.

Author: No fim, tu entendeu todos os itens, né? Apesar de no começo, como tu falou, não entendeu muito bem. Mas no fim, tu chegou a entender todos.

TM1: Sim. Acho que o processo mais demorado, assim [...] Mais detalhado é justamente isso. De verificar qual a complexidade de cada coisa. Definir uma tabela, assim [...] Que não vá mudar muito com o tempo. Mas que também não seja difícil de seguir. Assim [...] Seja exagerada.

Author: Então, acha que esse processo que a gente fez sobre [...] Em cada reunião ali que a gente fazia de retrospectiva [...] Dar uma olhada na tabela [...] Isso foi mais benéfico? Ajudou mais a refinar? Ou tu acha que atrapalhou mais? Uma constante mudança pode ser atrapalhado mais?

TM1: Não, acho que ajudou […] Ajudou mais a refinar. Até porque [...] Como todo mundo ali tava aprendendo ainda a usar o Flutter, né? Assim, tinha acabado de aprender. Então, a gente tava se acostumando ainda com [...] Como construir as coisas, né? Algumas bibliotecas também. Então, acho que ter essa reunião toda semana pra verificar a tabela foi bem útil. Pra [...] Já que o nosso nível de entendimento sobre o Flutter foi mudando, assim, cada semana.

Author: Entendi. Tu acha que um […] Um processo gradual de […] pra adicionar item seria melhor do que o processo que a gente fez? Por exemplo, a gente definiu uma tabela já […] Inicial. E seguiu com ela e só tirou item depois, né? Alguns itens foram perdendo sentido. Tu acha que deveria ser diferente esse processo da construção da tabela? Tu acha que deveria ser mais gradual também?

TM1: Hum [...] É, acho que talvez se a gente primeiro fizesse uma versão bem básica, assim, da aplicação. E aí analisasse cada coisa pra adicionar uma tabela. Ao invés de fazer a tabela primeiro, acho que seria mais interessante.

Author: Entendi. Tu lembra de na hora de construir essa tabela? De fazer ali a inclusão dos itens? Ou definiu o custo dela? Teve muita discordância do time? Ou foi mais um processo que todo mundo geralmente concordava de primeira?

TM1: Não, tiveram poucas vezes que eu discordei.

Author: Tem alguma situação específica?

TM1: Acho que eu lembro [...] Uma que tinha na tabela […] Era Row e Column. Que tinha lá a complexidade pra isso. Aí eu achava que não precisava. Na verdade, acho que no início eu pensei que precisava. E depois que não. Aí em algum momento alguma discordância.

Author: O que que tu achava ao contrário do time? Nesse momento?

TM1: Da vez que eu me lembro foi porque achavam necessário ter essa complexidade e eu achava que não estava tendo assim [...] Impacto no nosso projeto e na complexidade mesmo.

Author: Tu lembra de algum detalhe disso? Por que que tu achava que não impactava?

TM1: Porque pra mim não tinha nenhuma complexidade. Ele estava só somando pontos, mas esses pontos não estavam fazendo [...] Não estava refletindo pra mim que seria a realidade.

Author: Entendi. Na hora de construir a tabela, escolher os itens, quais os critérios pessoais que tu pensava para decidir se o item era um ICP ou não? Se a gente ia adicionar na tabela ou não?

TM1: Pessoais…

Author: Eu vou dar um exemplo aqui só para te incentivar a reflexão. Por exemplo, quando eu vou comprar uma camisa, eu escolho uma cor que eu gosto, eu escolho um tamanho, se eu quero uma camisa mais justa ou mais folgada, eu escolho o estilo, uma camisa polo, uma camisa social. Esses são os critérios que eu tenho para escolher qual camisa eu vou comprar. Quais foram os critérios que tu teve para pensar em um item de ICP para adicionar na tabela?

TM1: Acho que a frequência com que eu usava ele.

Author: A frequência que tu usa ele, entendi.

TM1: É. Até porque se eu uso muito, acho que acaba não ficando assim tão complexo para mim.

Author: No caso, esse seria um critério para não adicionar a tabela, é isso?

TM1: É, ou para diminuir os pontos.

Author: E tu tem um para adicionar a tabela?

TM1: Adicionar? Para adicionar eram mais coisas que eu não entendia como funcionava direito. Por exemplo, o único exemplo que eu lembro é da biblioteca Bloc. Se algum componente usasse ela, eu entendia mais ou menos o que fazia, mas não muito bem como ela estava implementada ali. Acabava que ficava um pouco confuso para mim.

Author: Entendi. É […] No teu momento ali, no teu processo de codar, de fazer os códigos ali necessários. Como é que tu consultava a tabela? Ela era […] Ela era […] Tu consultava frequentemente? Ou era mais um […] De vez em quando, um guia que tu olhava ali de vez em quando? Ou era um mapa realmente que tu abria ali junto com o teu código e ficava desenvolvendo e olhando para a tabela ao mesmo tempo? Ou não?

TM1: Não. Não, desenvolvia o código. Aí quando estava pronto assim […] Pelo menos pra […] Pra ter alguma visualização dele, aí eu fazia a contagem […] Abria a tabela e fazia a contagem dos pontos.

Author: Entendi. É. Como foi esse teu processo de identificar, apontar ali no código e calcular os ICPs? Então, acho que foi um processo fácil? Foi tranquilo? Foi meio, foi difícil? Foi chato? Como é que foi isso?

TM1: No início assim, foi mais chato porque não tinha de cabeça ainda os valores, nem o que que era contabilizado. Mas aí com o tempo fui memorizando isso e aí já ficava mais fácil assim. Às vezes só abria a mesma tabela pra quando tinha dúvida assim, quanto que valia uma coisa ou se estava lá ou não. Mas geralmente foi dessa contagem sempre no final.

Author: Entendi. Teve alguma classe ou algum momento que foi desafiador fazer isso de forma manual?

TM1: Não, acho que não.

Author: No geral foi tranquilo?

TM1: É.

Author: Tinha momentos que tu deixava o CDD de lado, que tu nem lembrava, que tu só realmente olhava para o código e esquecia o CDD?

TM1: Só se, por exemplo, se tivesse alguma, algum card lá, alguma tarefa para fazer que estava muito difícil. Aí acabava me focando muito nele, deixando mesmo só na hora, para hora de entregar para fazer a contagem de pontos.

Author: Tu ultrapassou o limite de ICPs de uma classe com frequência ou foi só de vez em quando?

TM1: Acho [...] Quando […] Não, não cheguei a ultrapassar enquanto estava desenvolvendo, mas depois que teve, acho que foi a última mudança na tabela, aí algumas classes que eu tinha trabalhado acabaram passando do limite.

Author: Tu acha que essas mudanças que foram feitas na refatoração realmente melhorou a complexidade daquela classe, a legibilidade?

TM1: Sim, melhorou, com certeza

Author: Lembra de um exemplo de alguma classe que tu consegue descrever?

TM1: Acho que o exemplo que mais tenho na minha cabeça agora é da […] da […] aquela principal lá, a main. Ela estava bem grande assim, bem complexa, aí depois refatorou e ficou bem simples.

Author: Tu lembra o que tornava ela complexa? Era só o tamanho?

TM1: Era uma, porque ela gerenciava muitas coisas, tinha gerenciamento de autenticação, de estado, de alguns dados lá de usuário, de demandas, aí tinha muita coisa no mesmo lugar.

Author: Entendi. No geral, quando tu ia fazer refatoração, quando tu via como a classe passava ali do limite, que ela […] Que ela podia ter, qual era a estratégia que tu usava pra resolver esse problema de [...] da classe ter uma complexidade acima do permitido?

TM1: Algumas vezes, dependendo do que fosse, eu componentizava algum widget que tivesse muito complexo. Dividia ele em partes, né? E quando era alguma questão assim de, de lógica básica de programação, tipo um for, ou coisa assim, eu tentava colocar dentro de uma função separada.

Author: Entendi. Ou, tinha algum ICP, algum item da tabela que tu achava que era mais crítico quando tu ia resolver os problemas?

TM1: Crítico […] Não sei se é bem o que tu quer dizer, mas eu pensava muito na questão do acoplamento, porque às vezes valia, geralmente, né? Valia mais a pena fazer um acoplamento do que deixar ali aquele pedaço muito complexo, né?

Author: Entendi. Esse pedaço que tu extraía, né? Pra um outro widget, pelo que eu entendi, tu extraía pra um outro widget. E fazia o acoplamento dele. Quais eram esses itens, que seriam ali os itens críticos, que geralmente tu olhava pra tentar tirar da classe? Quais categorias da tabela tu tentava fazer isso?

TM1: Acho que na maioria das vezes, eram componentes que precisavam de um estado, por exemplo, que recebessem […] Alguma […] um dado do Firebase, né? Que a gente usou, né? Por exemplo, que precisasse ficar ouvindo a […] Precisasse ficar recebendo os dados, né? Por exemplo, de gerente, ou de aluno, ou demandas. Aí, como tinha todo um gerenciamento em torno disso, ficava mais complexo aí. Buscava extrair isso.

Author: Tu tinha algum item que tu achava que era prioritário pra ti? Do que outro? Ou tu via todos na mesma linha?

TM1: Não, via todos na mesma linha, né?

Author: Na tabela, tu acha que uma divisão um pouco mais profunda, como foi feito, né? Por exemplo, a gente tem lá funções assíncronas. É [...] a gente tem um custo pra criação e outro custo pra manipulação. São custos diferentes. Tu acha que isso fez sentido? Ou seria melhor unificar esses itens? Pra um custo só?

TM1: Não, acho que faz sentido mesmo dividir.

Author: Por quê?

TM1: Porque [...] acho que tem casos em que realmente [...] É diferente mesmo a complexidade de usar e de criar aquela função assíncrona ou stream.

Author: Entendi. Ok. E aí, olhando, né? Pra todo [...] Pra tudo que tu vivenciou, experienciou com o CDD no Flutter, tu consegue me dizer quais foram os impactos positivos que o CDD gerou no projeto?

TM1: É […] Deixou as classes mais simples mesmo, mais fáceis de entender. Acho que foi isso mesmo.

Author: Tu viu algum impacto negativo? Atrapalhou em algo? Teve algum impacto negativo?

TM1: Não, negativo não.

Author: Por exemplo, tu falou agora do impacto positivo. Qual foi o momento que tu sentiu isso? Desde o começo tu já percebia que isso era um impacto positivo? Ou teve alguma outra etapa na metade do projeto? Teve algum momento assim que tu sentiu esse impacto positivo?

TM1: Acho que foi mais perceptível no final. Porque mesmo que a gente não tivesse usando alguma [...] Alguma [...] Algum tipo de arquitetura, né? Pro projeto. Acho que o CDD, por ele imitar a complexidade das classes, acabou deixando um pouco mais organizado. Um pouco, assim. Aí, esse foi o impacto positivo. Agora, negativo não [...] Não, nenhum.

Author: Qual o indicador que tu [...] Que tu mostraria esse impacto positivo? Um indicador que traria esse impacto positivo sobre o CDD?

TM1: Acho que o mais claro seria a linha de código da classe. Que foi diminuindo, né? Com o tempo e […] E o aumento de [...] Do número de arquivos, né? Acho que indica que a gente foi separando melhor cada coisa.

Author: Entendi. Tu enxerga algum benefício em usar o CDD? Tu enxerga algum benefício em usar o CDD?

TM1: Teve esse benefício que ficou mais simples de entender as classes, né? Evitava de criar classes gigantescas e complexas. E ficou organizado também. Mesmo não sendo intuito, assim. Não sendo o objetivo.

Author: Entendi. O código ficou mais fácil de entender com o CDD?

TM1: Ficou.

Author: Pensando no […] Por exemplo, teve partes do curso que vocês tinham que fazer alguns exercícios e coisas do tipo. Com o CDD, tu acha que ele ficou mais fácil, ele mudou até o teu estilo de codar, por exemplo?

TM1: Acho que não mudou muito, não. O meu estilo de desenvolver.

Author: Mas ficou mais fácil de entender o código?

TM1: Ficou, ficou.

Author: Tu leu muito código de outras pessoas do Time?

TM1: Li

Author: Acha que ajudou a entender melhor esses códigos?

TM1: Ajudar a entender [...] Não diretamente, porque não é uma documentação. Mas como [...] Como não ficou […] Justamente pelo limite de complexidade, não ficou algo muito grande e complexo, aí consegui ter mais espaço na mente para entender o que era cada coisa.

Author: Entendi. Tu acha que o CDD ele trouxe melhorias na qualidade do código? Na qualidade?

TM1: Na qualidade? Aí acho que não […] Na questão da qualidade não teve um impacto tão grande. Tiveram sim algumas mudanças, mas acho que não muito grande. Por exemplo, ficou mais organizado, mais separado cada coisa, sim. Mas acho que ainda assim, se fosse, por exemplo, pegar alguma coisa para modificar, hoje ia ter um trabalhão de mexer em outras classes e tal.

Author: Entendi. Melhorou a legibilidade do código?

TM1: Melhorou.

Author: Beleza. É [...] A gente usou o CDD, construiu essas tabelas, colocou os itens, os custos. Tu sente que a complexidade das classes, elas realmente baixaram, era [...] era [...] Fazia sentido a complexidade que era definida para aquela classe e a complexidade que tu enxergava realmente daquela classe. Tu acha que era igual isso mesmo?

TM1: Acho que sim. Mas isso foi ficando cada vez mais igual a complexidade que eu enxergava com a complexidade que tava dizendo lá. Mas no final mesmo, com a última tabela que a gente fez.

Author: No começo tu achava que não, tu sentia uma dissonância entre a complexidade real e a complexidade que estava sendo calculada?

TM1: É, acabava que eu não, assim, não tinha tanta certeza de que era aquilo mesmo.

Author: Tu lembra do ponto exato que tu olhou pela primeira vez e falou, não, agora realmente faz sentido.

TM1: Do ponto exato, não, não lembro.

Author: A etapa, pelo menos?

TM1: Acho que foi lá pela penúltima sprint.

Author: Entendi. É... No processo de refatoração, né? Naquela última semana ali, já depois das sprints. Tu acha que o CDD, ele foi um guia capaz de indicar um caminho para refatoração?

TM1: Sim, foi, porque eu... Pelo menos eu fiz assim, eu abria lá, a classe tinha que ser refatorada, e eu ia me guiando justamente pelos comentários que estavam dizendo, né? Quanto que tinha lá de pontuação cada coisa. Aí eu analisava e via se aquilo dava para ser substituído por algo menor. Então, nessa parte aí ajudou bastante, porque eu fui me guiando por ele.

Author: Sentiu falta de um outro processo, de outro guia nessa refatoração? Ou tu acha que ele foi um guia?

TM1: Eu acho que só o CDD já resolveu o problema. Para a questão da complexidade, o CDD resolveu. Mas, para a questão de qualidade do código mesmo, aí não foi suficiente.

Author: Entendi. É... No geral, tu diria que o CDD foi bem-sucedido nesse projeto?

TM1: Acho que sim, ele cumpriu... Na minha opinião, cumpriu bem o objetivo dele. Pelo menos que eu entendi que era. De... Analisar e limitar a complexidade das classes. Isso realmente aconteceu, foi feito. Acho que ele deveria ser... Alguma outra... Metodologia de desenvolvimento. Pudesse ajudar melhor na qualidade do código. E... Seria muito bom se tivesse uma ferramenta para fazer a contagem automaticamente.

Author: É... O CDD foi confuso ou ele fez sentido?

TM1: Não, fez sentido sim.

Author: Ele complicou mais o projeto? Porque, além das tarefas do projeto, tinha o CDD. As tarefas do CDD. Isso complicou mais o projeto? Ou foi algo mais de boa?

TM1: Não, não acho que complicou. Sim, deu... Tinha mais uma etapa de trabalho, mas não era complicado. Era mais olhar ali, ver se estava na tabela e... Quantificar.

Author: Teve alguma coisa dentro dessas atividades, desse processo que tu pensou que... Isso aqui poderia ser mais fácil de fazer? Ou poderia ser diferente?

TM1: É... Acho que a questão de ter que quantificar manualmente cada um dos itens da tabela. Mas eu acho que isso é um pouco mais difícil de fazer. E... E o processo de definir quais são os itens que vão ser adicionados na tabela. E removidos. E qual a pontuação deles. Eu não consigo pensar em uma forma melhor de fazer. Além de... Além de primeiro fazer o código e depois a tabela. Mas acho que é uma coisa que realmente demora um tempo, assim, para ser bem definido.

Author: Tá, então só para enumerar. Quais são as dificuldades do CDD dentro desse processo?

TM1: É... Definir... Fazer uma boa definição da tabela. Quais os itens e qual a pontuação deles. E... Quantificar manualmente cada um dos... Dos elementos do código. Quantificar.

Author: É... Teve algum momento que tu... Pensou assim... Isso aqui o CDD não ajuda.

TM1: Acho que... Mais no início mesmo... Que a gente... Quando a gente começou com o projeto. Porque aí nenhuma classe assim estava passando o limite. Não estava... Acho que realmente elas não estavam complexas. Então ele estava servindo só como uma forma de... De... Dizer a complexidade. Mas não estava fazendo a gente reduzir aquela complexidade. Aí eu não sei se era porque a gente não tinha definido bem uma tabela ainda. Não estava da forma que... Seria melhor. Ou se realmente porque estava no início do projeto. Então as classes ainda eram pequenas. Ainda era algo mais simples. Por isso que eu acho melhor... Achava melhor primeiro a gente fazer o código. Depois a tabela. Que aí a gente já... Provavelmente já ia ter algumas coisas assim maiores. Uns problemas maiores que a gente ia ver que... Quais são os itens que mais impactam. Para poder adicionar na tabela.

Author: Alguma outra dificuldade? Além dessa que você já disse?

TM1: Não, só isso.

Author: Teve alguma resistência pessoal sobre usar CDD no projeto? Ou você percebeu de outra pessoa ou da equipe de usar CDD?

TM1: Não, assim... Pessoal não. Acho que... No início todo mundo ficou... É... É porque era uma etapa a mais no trabalho. Então às vezes o pessoal acabava esquecendo. Ou ainda estavam aprendendo a fazer. Inclusive... No início... Algumas vezes não contabilizei direito. Mas é porque... Estava me acostumando ainda. Com essa metodologia. Não era uma resistência pessoal. Por algum motivo.

Author: Entendi. Você usaria CDD de novo? No projeto futuro?

TM1: Usaria. Inclusive estou fazendo um projeto em Flutter e pretendo... Assim que ele estiver um pouco maior... Vou aplicar o CDD para ver se... Melhora um pouco. Para reduzir a complexidade.

Author: Se tivesse uma equipe que começasse a usar CDD. E eles te pedissem uma dica. No geral. Me dê dicas sobre como usar CDD. Quais dicas tu diria? Dicas... Dicas... Dicas... Alguma lição que tu aprendeu... Durante esse processo. Que... Para te tomar no futuro. No projeto futuro.

TM1: É... Acho que dependendo da... Da experiência que você tenha. Se você tiver uma experiência... Que você tenha... Da experiência que a equipe tiver com... Com o Flutter. Não com o Flutter. Mas... Com o que eles estiverem desenvolvendo. É... Trabalhar melhor a tabela. Porque se for uma equipe assim... Que está começando ainda. Que está inexperiente. A percepção dela sobre os itens da tabela... Vai mudar muito com o tempo. Então acho que é importante ter várias... Reuniões... Com mais frequência. Para discutir se o projeto... Vai mudar muito com a frequência. Para discutir esses itens. E buscar... Focar nisso. Porque acho que depois que... Faz uma boa definição da tabela. Anda bem mais... Fica bem mais fluido esse processo.

Author: Entendi. Se tu fosse usar... Se tu for usar futuramente... É... Quais melhorias tu tentaria... Aprimorar nessa abordagem do CDD? Faria algum ajuste específico? Implementaria alguma mudança? Adicionaria algo? Para melhorar esse processo?

TM1: Não. Além daquilo de... Construir a tabela um pouco... Depois que fizesse o código inicial? Não.

Author: Entendi. Tem alguma pergunta aqui... Que eu não fiz? Para alguma coisa que tu esteja pensando? Que tu acha que é importante compartilhar? Algum pensamento que tu teve? Que tu gostaria de... De... De... Que tu gostaria que a gente... Pudesse melhorar? Ou enfim... Como que tu quisesse uma reflexão sobre?

TM1: Não. Não consigo pensar em nenhum não.

Author: Beleza. Então... É... Acho que é... Que é isso. Fico disponível ali no WhatsApp para... Tu lembrar de alguma coisa... Algum detalhe que tu acha que... Que ficou faltando aqui nessa entrevista. É só tu me mandar lá no... No WhatsApp que eu... Consigo incluir também dentro aqui do... Do que a gente tem conversado. E agradecer porque... A gente vai conseguir construir um caminho pro CDD dentro do... Do Flutter através de realmente da experiência que vocês viveram. Da experiência real que vocês viveram pra saber o que deu certo e o que não deu. Então... Esses insights, essas informações que tu trouxe aqui hoje... São muito importantes pra esse caminho. Eu tô usando... Eu vou usar... No TCC essas informações por exemplo. Né? Pra ter... Pra responder algumas perguntas. Mas a gente vai dar continuidade em outros trabalhos, em mais artigos. E essa... Essa outra entrevista aí de outros participantes do time também vão... Vão ser usadas e a gente vai levar em consideração também. Então... É agradecer por esse... Por toda essa... Essa ajuda aí. Beleza?

TM1: Beleza.

Author: Então... Até qualquer dia. E qualquer coisa, estamos lá no WhatsApp para informar. Se lembrar de alguma coisa, me fala lá.

TM1: Beleza. Valeu, obrigado.

Author: Até mais.

TM1: Valeu, até mais.